

UEMASUL



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E LETRAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO, LATO SENSU, EM LÍNGUA BRASILEIRA DE
SINAIS

Lilian Neto Gomes

PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS PARA
ALUNOS SURDOS: Um estudo do livro “Vidas Secas” de Graciliano Ramos

IMPERATRIZ-MA

2024

Lilian Neto Gomes

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS PARA
ALUNOS SURDOS: Um estudo do livro “Vidas Secas” de Graciliano Ramos**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão-UEMASUL, campus Imperatriz, como requisito parcial para obtenção de título de pós-graduação.

Orientadora: Profa. Ma. Isabel Delice Gomes Macedo

G633p

Gomes, Lilian Neto

Práticas de letramento em leitura de textos literários para alunos surdos: Um estudo do livro "Vidas Secas" de Graciliano Ramos. / Lilian Neto Gomes. – Imperatriz, MA, 2024.

23 f.; il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Libras) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2024.

1. Educação dos surdos. 2. Letramento literário. 3. Vidas secas – Graciliano Ramos. 4. Imperatriz - MA. I. Título.

CDU 376.33

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: **Mateus de Araújo Souza CRB13/955**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIAO TOCANTINA DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E LETRAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO, LATO SENSU, EM LÍNGUA BRASILEIRA DE
SINAIS

LILIAN NETO GOMES

PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS PARA
ALUNOS SURDOS: Um estudo do livro “Vidas Secas” de Graciliano Ramos

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de especialização em Libras, pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL

Aprovado em: 29 de Janeiro de 2024.

Banca Examinadora

Isabel Delice Gomes Macedo

Orientadora: Ma. Isabel Delice Gomes Macedo (UEMASUL)



Documento assinado digitalmente
CLAUDILENE DE SOUSA ALVES
Data: 26/02/2024 13:31:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

1º Membro: Profa.: Esp. Claudilene de Sousa Alves



Documento assinado digitalmente
JANAÍNA DE ARAÚJO PIMENTA
Data: 26/02/2024 16:02:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

2º Membro: Profª Ma. Janaína de Araújo Pimenta

RESUMO

O tema “Letramento literário de alunos surdos por meio do livro *Vidas Secas*” foi idealizado com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento crítico e reflexivo de alunos surdos no meio social. Escolarizar essa clientela é um processo desafiador, visto que, a grande maioria só irá ter contato com a Libras quando inserido no ambiente escolar. Assim sendo, para enriquecer o presente TCC, será considerado uma literatura de cunho cânone, visando aprimorar o ensino aprendizagem dos(as) alunos(as) surdos do ensino médio, pois, acredita-se no vasto conhecimento que a obra pode despertar nos educandos, uma vez que no livro, levanta questões pertinentes na sociedade. O conhecimento prévio dos estudantes precisa ser respeitado e sempre que possível, mediado da melhor maneira possível para promover debates reflexivos. Alguns autores renomados que fazem uma abordagem sobre a importância dos(das) alunos(as) serem inseridos(as) em contextos literários são citados, a exemplo: Candido (1995), Cosson (2019), Freire (1982), Quadros (2006) e Soares (2006). Abordar temas como esses é de urgência necessidade para letrar alunos que durante muito tempo foram marginalizados pelo sistema educacional brasileiro.

Palavras-chave: Escolarização; Letramento Literário; Literatura.

ABSTRACT

The theme "The reading of literary texts: improving the criticality of deaf students through the study of the book "Vidas Secas" by Graciliano Ramos" was conceived with the objective of contributing to the critical and reflective development of deaf students. Educating this clientele is a challenging process, since the vast majority will only have contact with Libras when inserted in the school environment. Therefore, to enrich this TCC, it will be considered a literature of canon nature, aiming to improve the teaching and learning of deaf high school students, because it is believed in the vast knowledge that the work can awaken in students, since the book raises pertinent issues in society. Students' prior knowledge needs to be respected and, whenever possible, mediated in the best possible way to promote reflective debates. Some renowned authors who address the importance of students being inserted in literary contexts are cited, such as: Candido (1995), Cosson (2019), Freire (1982), Quadros (2006) and Soares (2006). Addressing topics like these is an urgent need to educate students who have been marginalized by the Brazilian educational system for a long time.

Keywords: Schooling; Literary Literacy; Literature



LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
FUVEST – Fundação Universitária para Vestibulares
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LIBRAS – Língua brasileira de sinais
NEE – Necessidades Educacionais Especiais
UEMA – Universidade Estadual do Maranhão
USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NO PROCESSO DE LETRAMENTO DE ALUNOS SURDOS	10
2.1 Letramento Literário	12
3 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS COMO SEGUNDA LÍNGUA (L2) E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O LETRAMENTO	14
4. LETRAMENTO LITERÁRIO DE ALUNOS SURDOS A LUZ DA OBRA “VIDAS SECAS” : UMA PROPOSTA BILINGUE	16
4.1 Sugestão didática para um letramento literário incluso	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

O educador ao idealizar um ensino eficaz para os alunos surdos deve pensar nos mais variados processos didáticos metodológicos que contemplem os educandos, a fim de aprimorar a criticidade, argumentação e reflexões sociais. Para tanto, o professor de língua portuguesa/literatura precisa considerar as identidades presentes dentro de uma sala de aula inclusiva.

Faz-se necessário priorizar e flexibilizar as propostas didáticos-pedagógicas pensadas para esses alunos, ou seja, conhecer os indivíduos matriculados em suas aulas, para assim, escolher sabiamente a obra literária que mais irá contribuir para o desenvolvimento educacional e/ou social dos mesmos.

Sabe-se que a literatura assume uma postura crítica e reflexiva na vida dos mais diferentes alunos. Porém, o contato deve acontecer desde os primeiros anos de vida e avançando de acordo com as etapas de seu aprendizado. Os sujeitos envolvidos ressignificam ideias e posicionamentos de acontecimentos do dia a dia; assim, o Letramento Literário vai além do ato de ler e compreender um texto, ele infere em como o estudante irá se posicionar nas mais diferentes situações.

Desse modo, apresenta-se o objetivo do artigo: aprimorar a criticidade dos alunos surdos a luz da obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, publicada em 1938. A análise da proposta de atividade é oriunda de uma pesquisa qualitativa, pois “[...] é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida.” (FLICK, 2009, p. 20).

Em suma, é de grande importância para vivências em sociedade, pois o processo de escolarização assume a responsabilidade de incluir os mais diferentes alunos através do letramento literário, contribuindo para o pensamento crítico.

A escolha desse tema surgiu devido ao processo educacional pelo qual insiro-me desde os primeiros anos de vida escolar, pude correlacionar, valorizar e respeitar a diversidade existente nos mais diferentes ambientes. Assim, ao idealizar a realização deste artigo, foi possível perceber que haveriam condições de levar a proposta aos demais integrantes da sociedade, instigando o prazer pela leitura.

Para corroborar com o artigo, inferiu-se, ainda, uma pesquisa bibliográfica, com base nas ideias de estudiosos(as) como: Antônio Candido (1995), Paulo Freire (1982/1987), Ronicie Quadros (1997/2006), Rildo Cosson (2019), Magda Soares (2006), Graciliano Ramos (1996) e Livros publicados pelo Ministério da Educação – MEC.

Assim, esta proposta estrutura-se com introdução, discussão da temática proposta e considerações finais. A discussão subdivide-se em alguns eixos, como: “Letramento e escolarização de alunos surdos”; “Letramento literário”; “O ensino de língua portuguesa para surdos como segunda língua (L2)”, “Letramento literário de alunos surdos a luz da obra ‘Vidas Secas’ como uma proposta bilingue” e “Sugestão didática para um letramento literário inclusivo”.

2. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NO PROCESSO DE LETRAMENTO DE ALUNOS SURDOS

De todas as competências educacionais referenciadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no processo de alfabetização, ler é considerado um dos atos mais valorizados na sociedade, pois quanto mais cedo o indivíduo consegue ter apropriação da leitura, mais ele ganha independência em sua vida estudantil.

Assim sendo, o professor no seu fazer pedagógico precisa sempre buscar métodos que contemplem o ensino de alunos surdos, pois conseqüentemente, ao idealizar a leitura crítica e reflexiva por meio da literatura, é, em suma, de maneira intrínseca, valorizar a identidade do sujeito, para que se possa compreender primeiramente qual o seu papel literário. Para Candido, quando trata da literatura, é possível compreender que:

A função da literatura está ligada à complexibilidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório, mas humanizador [...] é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado [...] é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoção e a visão de mundo dos indivíduos e dos grupos [...] uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (Candido, 2004, p. 176).

Nesse contexto, é considerável destacar que a literatura rompe as barreiras do ambiente escolar, possibilitando que os estudantes consigam vincular o meio em que vivem e seus saberes previamente adquiridos com o conhecimento aprendido na escola, ao mesmo tempo em que construam em si uma sensibilidade reflexiva argumentativa.

Ao considerar o quão a educação no Brasil e no mundo passou e passa por transformações constantes, durante boa parte o processo de escolarização ficou limitado às pessoas com poder aquisitivo elevado, desfavorecendo aqueles que viviam (ou/e ainda vivem) à margem da sociedade.

A educação em si, caminha em passos lentos, e quando se refere a contemplar alunos surdos, esse processo perpassou por diversas mudanças. Por várias décadas a escolarização foi pensada apenas para ouvintes, deixando de lado alunos que possuíam algum tipo de limitação, entre elas, a surdez, fazendo com que eles fossem excluídos.

Assim, perpassando pelas mais variadas mudanças e reconhecimento, somente em 2002 a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) ganha o status de língua oficialmente, com a Lei Federal nº 10.436, distinguindo que:

[...] como forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (Brasil, 2002).

Diante do exposto e com base na Lei que regulamenta o ensino de LIBRAS, as pessoas surdas têm como primeira língua (L1) a Língua Brasileira de Sinais. Porém, mesmo a língua portuguesa sendo a L2, continua sendo referência para correlacionar ambas, pois a escrita é em L2.

Entretanto, a criança surda vivencia um contexto bilíngue diariamente e cabe a escola escolarizar essas crianças de modo que consigam compreender o mundo em que vivem. Para isso, os sujeitos precisam entender como se expressar por meio da Libras para se fazerem entender, ou seja, usar o letramento como base para ampliar o conhecimento, por isso:

Adequada seria aquela escolarização que conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal do leitor que se quer formar; inadequada é aquela escolarização que deturpa, falsifica, distorce a literatura, afastando, e não aproximando, o aluno das práticas de leitura literária, desenvolvendo nele resistência ou aversão ao livro e ao ler. (Soares 2006, p. 47)

Diante do citado, acredita-se que o alinhamento da prática literária com o meio que o educando está inserido é fundamental para idealizar conceitos sociais críticos reflexivos, pois a cada rodas de conversas planejadas e contextualizadas, esse estudante expandirá a forma que o aluno ver o mundo ao seu redor.

Contudo, o processo de escolarização correlacionado com o letramento é algo que o aluno aplicará em sua prática diária (no meio social), por meio de ações e posicionamentos pertinentes a determinadas situações. Para tanto, a criança surda desde os primeiros anos de vida em contato com gêneros textuais diversos que instiguem o pensar e, assim, tornar-se-á um adulto desenvolvedor do pensamento crítico.

Os profissionais da educação que possam vir fazer parte da vida estudantil do aluno surdo, precisam estar cientes que para fazer escolarização desses alunos é importante compreender as especificidades visual e gestual da L1 no processo ensino aprendizagem. Para tal relevância, BNCC destaca que:

Diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (Brasil, 2018, p. 8)

Ao propor tais recomendações, a interação entre ouvintes e não-ouvintes se faz necessária para alicerçar a inclusão de todos no ambiente educacional, mais precisamente os de alunos surdos, que necessitam vivenciar diariamente a Libras para assim ser vistos como ativos no meio social.

2.1 Letramento Literário

A priori, “o letramento literário é uma prática social” (Cosson, 2019, p.10) e cabe à escola instigar e correlacionar com os demais saberes desenvolvidos no meio em que o estudante vive. Ao estimular o gosto pela leitura o aluno construirá autonomia, possibilitando tornar-se um indivíduo letrado.

A prática literária é um elo entre a socialização e interação de alunos e professores, para tanto, cada interpretação e argumentação do que foi lido e discutido é considerado para debates pertinentes correlacionados com os saberes adquiridos em sociedade. Ao socializar opiniões. Observa-se que essas podem ser respeitadas e dialogadas como processo crescimento e desenvolvimento contínuo.

Por isso “pode-se concluir, então, que há diferentes conceitos de letramento, conceitos que variam segundo as necessidades e condições sociais específicas de determinado momento histórico e de determinado estágio de desenvolvimento” (Soares, 2004, p. 80). Dessa forma, a escolha adequada por quem irá direcionar o debate dos textos literários é, em suma, a parte desafiadora, pois seja contemporâneo ou/e canônico, eles devem ser escolhidos com um olhar crítico, para que os leitores possam apreciar os detalhes que o eu-lírico (autor) apresenta.

Por esse motivo, vale salientar que,

Em uma sociedade essencialmente letrada como a nossa, mesmo um analfabeto tem participação, ainda que de algum modo precário, em algum processo de letramento. Do mesmo modo, um indivíduo pode ter um grau sofisticado de letramento em uma área e possuir um conhecimento superficial em outra, dependendo de suas necessidades pessoais e do que a sociedade lhe oferece ou demanda. (COSSON, 2006, p. 11-12)

Nessa perspectiva, o sujeito exposto a diversidade de gêneros textuais existentes, poderá obter variadas competências correlatas ao letramento literário e evoluir no grau de conhecimento obtido no dia a dia. Para isso, desde cedo, os alunos deverão ser expostos aos mais variados textos, para que possam desenvolver pensamentos críticos reflexivos sobre situações do cotidiano.

Assim, o letramento literário não deve partir da premissa de se ensinar a ler e escrever como processo alfabetizador, pois a interpretação da palavra assume um papel emancipador para o indivíduo, isto é, “a interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. Por

isso, por mais pessoal e íntimo que esse momento interno possa parecer a cada leitor, ele continua sendo um ato social” (Cosson, 2006, p.65).

O educador deve direcionar seus alunos para uma leitura eficaz que considere o conhecimento prévio dos mesmos e suas particularidades. Assim, é de grande relevância que após a leitura os textos sejam socializados, para que exista uma partilha de experiências. Para isso, momentos devem ser preparados com os educandos, de tal modo que possa se alcançar as três fases de leitura definido por Cosson:

[...] o ato de ler, o compartilhamento e o registro. O primeiro refere-se ao “encontro inalienável do leitor com a obra” que pode ocorrer de forma solitária e de forma coletiva. Já o segundo compreende duas fases – a preparação para a discussão (anotações de impressões sobre o texto) e a discussão propriamente dita (“é o diálogo fundante da leitura”, ou seja, é o debate sobre a obra lida.). A terceira fase refere-se ao registro que é o “momento em que os participantes refletem sobre o modo como estão lendo e o funcionamento do grupo, assim como sobre a obra e a leitura compartilhada”, esses registros podem ocorrer de formas variadas, desde diários de leitura, até fichas de função, bem como atividades performáticas como peças teatrais, sarau etc. que podem ser utilizados como avaliação para os círculos de leitura institucionais, combinados com o recurso da autoavaliação, tendo em vista que a literatura deve ser vista como uma experiência e não como um conteúdo a ser avaliado (Cosson, 2014, p.168-171).

Neste processo, o professor poderá ver e acompanhar como cada aluno se comporta diante a leitura do texto, e com essa informação, encaminhará para momentos críticos e reflexivos que contemplem a vivência de cada um. Assim, redirecioná-los para percepção de como esse momento infere na vida do indivíduo que está inserido em sociedade.

Em uma sociedade que seus indivíduos possam argumentar sobre situações do dia a dia, é engrandecedor fazê-lo desde que os mesmos tenham tido as orientações adequadas nos primeiros anos de vida escolar. Para tanto, é necessário que haja uma exposição a textos diversos, não apenas como e/ou durante o processo alfabetizador, mas para crescer como sujeitos letrados. O professor quando considera cada etapa do processo de ensino e aprendizagem, Soares afirma que:

Tornar-se letrado traz, também, consequências linguísticas: alguns estudos têm mostrado que o letrado fala de forma diferente do iletrado e do analfabeto; por exemplo: pesquisas que caracterizaram a língua oral de adultos antes de serem alfabetizados e a compararam com a língua oral que usavam depois de alfabetizados concluíram que, após aprender a ler e a escrever, esses adultos passaram a falar de forma diferente, evidenciando que o convívio com a língua escrita teve como consequências mudanças no uso da língua oral, nas estruturas linguísticas e no vocabulário. (Soares, 2009, p. 37).

Para tanto, a cada contato com textos literários o aluno absorverá uma postura crítica argumentativa, tornando-os aptos para construir conceitos sobre os mais variados assuntos em que lhes é exposto. No entanto, apesar do contato com os textos em sala de aula fazerem parte de um processo coletivo, a construção realizada é individual, pois “o segredo maior da literatura

é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em mundo feito de palavras” (Cosson, 2019, p. 29).

Todavia, o letramento literário objetiva utilizar a literatura como ferramenta humanizadora, tornar os indivíduos autônomos na promoção da liberdade de construir suas ideias e literariedade com argumentos sólidos e incisivos na sua escrita e oralidade. Fato esse que proporciona que a cada passo o leitor/aluno quando apresentado a diversidades de textos, existe um sujeito que internamente acumula conhecimentos.

Para tanto, Cosson afirma que,

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. (Cosson, 2019, p.07)

Isto posto, pode-se analisar que ao fazer referência da leitura e escrita de sujeitos não-ouvintes, o educador precisa buscar estratégias metodológicas que possa afunilar o elo entre a língua portuguesa e a libras, uma vez que, ao letrar o(a) professor(a) irá valorizar a identidade de cada estudante, em suas aulas. É no ambiente escolar que ocorre a valorização coletiva e individual de cada sujeito, quando se socializa textos literários, e em um espaço incluso gera promoção da diversidade existente. Por isso, a importância de compartilhar conhecimentos entre os participantes do processo de ensino e aprendizagem.

Assim, em uma sala inclusa com sujeitos surdos, “o intérprete deve entender as palavras e sinais para expressar seus significados corretamente na língua alvo.” (Quadros, 2004, p.76). Assim, a troca de conhecimento deve ser plena, natural e sem recortes deve transmitir o real significado, em ambas as línguas (L1 e L2).

Desse modo, letramento literário possibilita ao estudante aprimorar sua criticidade perante as suas vivências diárias, sendo autônomo ao interpretar o que lê e escreve. Assim, o educador ao incorporar em suas metodologias o letramento, ele estará preparando seus alunos não só para vestibulares e/ou concursos, mas para a vida.

3 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS COMO SEGUNDA LÍNGUA (L2) E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O LETRAMENTO

A comunidade surda brasileira durante muito tempo vive uma situação de resistência, pois durante a imposição da língua portuguesa como primeira língua vem sendo questão de parâmetros para haver comunicação, mesmo sendo amparados pelo Decreto n.º5.626 de 22/12/2005, que garante a inclusão da Libras no currículo; porém, na prática não os diferenciam como tal.

As diferenças entre a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais são desafiadoras para o processo de alfabetização dos alunos surdos, pois "a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta é importante para a continuidade da leitura daquele" (Freire, 1982, p. 20). Assim, mesmo tendo conhecimento adquiridos previamente, expor suas opiniões é um processo desafiador, pois considera o não contato diário com a Libras.

Em sua maioria, o aluno não-ouvinte só irá ter contato com a Libras quando inserido no contexto escolar, o que atrasa a escolarização dos mesmos, pois a prática diária é o que faz-se necessária para se entender o quão importante é se expressar pela L1. Para tanto, sanar a necessidade de um ensino de qualidade que contemple o alunado surdo, mesmo em passos lentos, algumas Leis foram implementadas para que assegure o acesso no ambiente escolar e com a Língua Brasileira de Sinais como primeira língua.

Entre elas se destaca a Declaração de Salamanca, de 1994, que garante o acesso igualitário à educação, promulgando uma ampla discussão sobre educação especial e que o ensino deveria ser de todos. Porém, a Libras, como mencionado anteriormente, torna-se oficial no Brasil em 24 de abril de 2002, pela Lei 10.436 que diz:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.
Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. [...]

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Diante do exposto, percebe-se que a Libras é para comunidade surda a primeira língua, o que deve ser respeitada e tratada como singular para esses alunos. No entanto, para se fazer valer os direitos adquiridos, é necessário um olhar sensível a identidade de cada indivíduo e contemplar as metodologias de ensino.

Contudo, garantir aquisição da língua do aluno surdo não é uma abordagem fácil, pois ao ser inserido no meio social, em sua maioria no ambiente de pessoas ouvintes, e os mesmos por não saberem usar a L1, alicerçam uma comunicação gestual, apenas para fins comunicativos imediatos, sem uma reflexão quanto aquilo que está sendo dialogado.

Assim, para "[...] os surdos constituem seu conhecimento de mundo através do canal visual-gestual, adquirem a língua de sinais sem dificuldade e esta vai possibilitar o desenvolvimento tanto dos aspectos cognitivos, como sócio-emocionais, e lingüísticos" (Silva e Pereira, 2003, p. 174). As práticas pedagógicas devem estar alinhadas com as necessidades

dos alunos, pois uma educação bilíngue que tenha a libras como primeira língua é essencial para a comunidade surda. Nesse sentido, o Ministério da Educação, afirma que:

[...] uma proposta de ensino que preconiza o acesso a duas línguas no contexto escolar, considerando a língua de sinais como língua natural e partindo desse pressuposto para o ensino da língua escrita. A proposta bilíngue busca resgatar o direito da pessoa surda de ser ensinada em sua língua, a língua de sinais, levando em consideração os aspectos sociais e culturais em que está inserida (MEC, Ensino de Língua portuguesa para surdos, 2004, p. 57).

Diante do citado, reforça a ideia que a prioridade no ensino bilíngue para sujeitos surdos é a libras (L1). Porém, essa aquisição da linguagem, torna-se necessário, ainda, conhecer o meio que o indivíduo está inserido para que o educador possa fazer um elo entre saberes, pois,

[...] a língua de sinais, uma vez entendida como a língua materna do surdo, será, dentro da escola, o meio de instrução por excelência. A instrução deve privilegiar a 'visão', por meio do ensino da língua portuguesa escrita, que, por se tratar de disciplina de segunda língua, deve ser ministrada em turma exclusiva de surdos (MEC, Ensino de Língua portuguesa para surdos, 2004, p.47).

Com isso, visando o aprendizado de língua portuguesa, por se tratar da língua oficial do país e segunda língua para comunidade surda, estratégias para o ensino para aquisição da mesma devem ser adotadas por educadores e aplicadas no cotidiano em sala de aula. Para tal, a seguir algumas propostas serão expostas para aprimorar a criticidade de alunos do ensino médio, mediante o letramento literário.

4. LETRAMENTO LITERÁRIO DE ALUNOS SURDOS A LUZ DA OBRA “VIDAS SECAS”: Uma proposta bilíngue

O livro “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, publicado em 1938, apresenta aspectos regionalistas de uma família de retirantes que enfrenta problemas devido à seca no sertão do nordeste brasileiro, em busca de uma vida digna. Fabiano, o pai, conduz sua família, esposa e dois filhos nessa jornada por melhores condições.

A priori, o livro “Vidas Secas” não foi escrito para uso deliberado de alunos surdos, mas para ouvintes, falantes da L1, considerando que a língua portuguesa, nesse caso, a oficial do Brasil, é a base para o processo de escolarização dos mais variados grupos étnicos brasileiros.

Em suma, a obra apresenta situações que remetem a realidade de uma parcela da população brasileira, que entre os anos de 1960 e 1990 segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2000), teve um aumento significativo da migração dos nordestinos que saíram de sua terra natal em busca de oportunidades e de uma vida digna, na Região Sul e/ou Sudeste do país.

Assim, as condições sociais e o analfabetismo fizeram com que a seca nordestina fosse um dos menores problemas dessa família, pois a falta de conhecimento e ingenuidade deixa-os à mercê de pessoas que gananciam por riquezas e menosprezam aqueles cujo não encaixam-se em seus padrões.

Desta forma, o personagem de Fabiano é uma representatividade de muitos brasileiros que vivem invisíveis na sociedade, sem conhecer seus direitos e tratados como incapazes de socializar, é o que reforça este fragmento:

[...] era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? [...] Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa? [...] Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares (Ramos, 1996, p. 35-36).

Em uma sociedade que oprime os que menos sabem, como Fabiano, o patriarca da família, sofre por não ser alfabetizado e ter conhecimento limitado sobre vários assuntos, impedindo-o de argumentar. Assim, acaba tornando-se submisso as opiniões alheias, fazendo com que constantemente seja enganado *por aqueles que julgam saber mais*. Contudo, como diz Paulo Freire (1987, p.68) “não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes”.

Considerar os saberes que os alunos carregam consigo é dar voz a diversidade de conhecimentos presentes no cotidiano da sociedade. O educador ao sugerir estratégias metodológicas que aprimorem a criticidade, o diálogo e a expressividade dos estudantes, promove uma valorização das vivências de cada indivíduo e concilie esses saberes ao que irá ser ensinado no ambiente escolar.

O livro citado em diversos momentos evidencia aspectos sociais e relevantes dentro de uma sociedade; e cabe ao educador instigar os alunos a trazerem suas vivências durante a socialização da leitura do material em questão, seja oral ou/e gestual, pois em uma sala inclusiva, todos são sujeitos do ensino aprendizagem. Para tanto, o estudante surdo deve ser incluído nas diversas manifestações literárias, seja cânone ou não, pois o letramento literário ajuda os educandos a valorizarem seus saberes e identidade, desenvolvendo a criticidade relacionando a assuntos oriundos do dia a dia.

A obra de Graciliano Ramos, “Vidas Secas”, que por diversas vezes foi/é citado em vestibulares, seja para perguntas gramaticais, interpretativas ou/e redação, o educador deve propor metodologias que aprimorem o conhecimento de todos os envolvidos, pois obras dessa relevância são sugestivas de serem cobradas em provas.

Porém, entende-se que o letramento literário rompe as barreiras da sala de aula e se conjuntura ao saber social, pois “há diferentes tipos de letramento, dependendo das

necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, do contexto social e cultural.” (Soares, 2009, p. 49). Assim, o educador deve valorizar a diversidade para que todos os envolvidos se sintam parte do processo de ensino aprendizagem.

Em uma sala mista, onde há falantes da língua portuguesa e da Libras, haverá uma troca de conhecimento mais ampla envolvendo a obra. Porém, é importante salientar que além de ser um livro que instiga a criticidade do aluno, o mesmo se faz presente no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM e vestibulares tradicionais. Isto é, os não ouvintes ao se inscreverem em processos avaliativos desse seguimento, poderão ter contato com a obra e haverá a necessidade de colocar em prática o aprendizado adquirido sobre a mesma.

A exemplo, destaca-se a Fundação Universitária para Vestibulares – FUVEST, organizadora dos vestibulares para ingresso na Universidade de São Paulo – USP, que por muitos anos vêm citando a obra em suas provas, o que indica o quão trabalhar literaturas com alunos no ensino médio é de suma importância para que se possa ter compreensão do que está sendo questionado. Isto posto, a Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, no ano de 2016, como proposta de redação, apresenta um fragmento do livro, abordando a desigualdade social como problematização de um texto argumentativo de caráter classificatório/eliminatório, para ingresso na universidade.

Contudo, o aluno surdo quando inserido no ensino médio, de certo, terá que ser instigado e incentivado por educadores a continuidade dos estudos no ensino superior. Dessa forma, para que eles se sintam confiantes, o professor de língua portuguesa e/ou literatura bilíngue deverá ter em suas metodologias estratégias que possam os ajudar nesse processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido,

O aluno surdo assim como qualquer pessoa compartilha uma série de experiências linguísticas, mais ou menos significativas, a depender das interações verbais a que se submeteu na família e da opção metodológica, desenvolvida no contexto de educação a que teve acesso. (Brasil, 2006, p. 79)

Diante do exposto, o contexto escolar o qual o aluno de Necessidades Educacionais Especiais – NEE está inserido é de relevância significativa para que aja aprimoramento do senso crítico reflexivo. Porém, o progresso educacional dos estudantes só será possível se o professor, mesmo que não seja bilingue, consiga os incluir de forma significativa.

Esta clientela, diferente dos ouvintes, em sua maioria só irá ter contato com a Libras quando inserido no contexto escolar, porém o mesmo consegue desenvolver habilidades comunicativas em forma de gestos, por exemplo, que merecem ser explorados com um olhar sensível.

4.1 Sugestão didática para um letramento literário incluso

O aluno surdo ao chegar no ensino médio tem um vasto conhecimento a respeito de vários temas. No outro lado desta balança, a figura do educador, que tem em mãos um leque de possibilidades que poderá usar para aprimorar o pensamento crítico reflexivo de seus estudantes.

Quadros (1997, p.119) enfatiza que:

A voz dos surdos são as mãos e o corpo que pensam, sonham e expressam. As línguas de sinais envolvem movimentos que podem parecer sem sentido para muitos, mas que significam a possibilidade de organizar as idéias, estruturar o pensamento e manifestar o significado da vida para os surdos. Pensar sobre a surdez requer penetrar no 'mundo dos surdos' e 'ouvir' as mãos que, com alguns movimentos, nos dizem o que fazer para tornar possível o contato entre os mundos envolvidos, requer conhecer a 'língua de sinais'. Permita-se 'ouvir' essas mãos, pois somente assim será possível mostrar aos surdos como eles podem 'ouvir' o silêncio da palavra escrita.

Desse modo, entende-se que a formação desses indivíduos requer dedicação e cuidado, para serem compreendidos. Assim sendo, o comprometimento de todo o corpo docente deve se fazer presente para que exista de fato um processo de letramento; a priori, projetos interdisciplinares precisam ser pensados metodicamente para incluir à todos.

Por conseguinte, a escolha de uma obra que consiga instigar a curiosidade e a criticidade é o primeiro passo que o educador precisa pensar, pois esse momento deve ser idealizado e objetivado a alcançar toda a turma. Para Quadros (2006):

O profissional que trabalha a Língua Portuguesa com surdos sabe da importância que tem a ampliação e fixação de vocabulário para o desenvolvimento da leitura e escrita dos mesmos. Sabe também que trabalhar com listas de palavras soltas, fora de um contexto, não produz bons resultados na aprendizagem de uma língua, então comumente as "palavras novas" são trabalhadas partindo-se de textos. (Quadros, 2006, p. 74)

De acordo com o exposto, reforça a ideia que quanto mais contato o indivíduo surdo tiver contato com textos literários, mais ele irá compreender a Língua Portuguesa (L2), pois mesmo que se faça uso da Libras como L1, a predominância da L2 ganha supremacia por se tratar de um país cujo sua base, desde o colonialismo, a língua portuguesa é a oficial.

No entanto, a diversidade literária que esses alunos são expostos na escola os fará ver o meio em que vivem com outros olhos. Assim, sempre haverá um novo sinal a ser aprendido, discutido e compreendido ao mesmo tempo que se correlaciona L1 e L2.

Ao trabalhar uma obra que não foi pensada para não ouvintes, é um processo desafiador, para professores bilingues ou não, pois Graciliano Ramos em “Vidas Secas” ao contar a história de uma família de retirantes invisíveis na sociedade, pode correlacionar-se a comunidade surda

que durante muitos anos passaram por esse processo de invisibilidade, na qual, tiveram sua identidade suprimida.

Porém, ao usar a referida obra, objetiva-se aprimorar a criticidade dos mesmos em relação aos anseios sociais que muitas pessoas surdas passam, por não conseguirem de forma eficaz argumentar a respeito de seus pensamentos; assim, letrar ganha dimensões diferentes no processo de escolarização de alunos surdos.

Para tanto, após a escolha do texto/livro feito pelo professor, no caso, deste artigo será referenciado “Vidas Secas”, o educador regente precisará pensar em estratégias que sejam eficazes para sua turma, respeitando a individualidade de cada indivíduo envolvido. Ou seja, entender o que será lido e como a leitura contribui no dia a dia do sujeito leitor, pois mesmo antes de ler o livro, o aluno precisa perceber que ele vivencia aquela situação, e para criar momentos de reflexão e trocas de conhecimento, Cosson (2014) corrobora com estratégias significativas, destacando que:

Em um círculo de leitura, vale mais o processo do que o conteúdo, ou seja, o que realmente importa para a aprendizagem é menos a leitura daquela obra específica e mais a leitura intensiva de uma obra, isto é, ler observando cada aspecto da obra, os detalhes do contexto, da linguagem, da maneira de narrar a história, da construção das personagens, das suas falas, do confronto de pensamento entre narrador e as personagens, as relações com outros textos e assim por diante, conforme as características do texto e a experiência do leitor. Em suma, a prática do que denominamos na área de literatura como *close Reading*, isto é, aquela leitura atenta e detalhada dos recursos empregados na elaboração do significado do texto e como eles ganham sentido para o leitor (Cosson, 2014, p. 46).

De acordo com o referenciado, como o educador irá traçar esse caminho é um passo muito importante para alcançar a criticidade dos educandos surdos, sabe-se que o livro “Vidas secas” é recheado de detalhes que poderá ser explorado minuciosamente. Para isto, a sugestão é que o mesmo seja dividido em capítulos para poder ser contemplado da melhor maneira possível.

Vale ressaltar que todo o processo pede dedicação, pois “[...] formar leitores, é ter paixão pela leitura” (Kleiman, 2002, p.15), e os estudantes sintam-se incentivados ao ver que seus professores, geralmente, exemplos para eles, gostam do ato de ler. Além disso, transferir o gosto pela leitura é a gratificação de uma pedagogia bem trabalhada.

Letrar alunos surdos do ensino médio, mediante o livro citado, constituirá em um leque de possibilidades para se aprender novas ênfases da língua portuguesa, pois a mesma é recheada de palavras regionalistas oriundas ou não de um período distinto.

Além disso, como defende Freire (1989) e Soares (2004), uma prática bem elaborada, permite aos educandos uma percepção crítica ao realizarem leituras de textos literários. Em

suma, acreditam que dar significado ao que se vai escolher para os alunos lerem e como se dará esse processo, contribuirá para o desenvolvimento educacional dos mesmos.

Segundo Cosson (2014) dá sentido as leituras literárias é criar metodologias que incluam a todos os sujeitos, pois todo o conhecimento é válido nos momentos de socialização. Para tanto, destacam-se três perspectivas relevantes sobre uma obra trabalhada em grupo, são eles: “o caráter social da interpretação dos textos, a leitura em grupo estreita os laços sociais, reforça identidade e a solidariedade entre as pessoas e os círculos de leitura possuem um caráter formativo”. (Cosson, 2014, p. 139)

Ao idealizar um letramento literário incluso, que aprimore a criticidade dos alunos surdos, o educador regente precisa ter ciência que não é só ler e sim pensar nas estratégias para que os conhecimentos adquiridos naquela aula sejam significativos à todos.

A priori, o professor bilíngue ou com a ajuda de um intérprete, conduzirá a turma apresentando a obra, instigando o conhecimento prévio dos alunos, por se tratar de uma sala que contemple alunos surdos, a idealização de imagens é essencial, pois contribuirá com o imagético de cada indivíduo.

Contudo, quando Cosson (2014) contempla os círculos de leitura, como sugestão de maior aproveitamento por meio da socialização, Freire (1989), no mesmo viés, assimila a prática como uma metodologia eficaz, uma vez que os envolvidos no processo possam analisar cada expressão e o compartilhamento das palavras sendo interpretadas.

Nessa direção, ao finalizar todo processo de socialização, o educador precisa idealizar a culminância dessa leitura, pois os alunos ao se preparem para tal, fixam ainda mais o que foi lido. Para esse momento, seria interessante uma dramatização em libras de capítulos, apresentada para toda escola ou/e um café literário sinalizado, que contemple a comunidade surda.

Por fim, obras cânones mesmo não sendo de cunho surdo, precisam ser consideradas para realidade da comunidade surda, pois no contexto social que esse aluno está inserido, o mesmo irá interagir com a diversidade do meio em que vive, e ser letrado é ter argumentos para se fazer ativo na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Cosson (2016, p. 17), “a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência”. Dessa forma, o letramento literário contribui para o aprimoramento da criticidade do aluno surdo, pois

possibilita aos envolvidos estarem em contato com as diferentes manifestações de pensamentos e cultura.

Em contrapartida, perceber o meio através do letramento literário, pois uma escolarização de alunos surdos é envolver todo corpo docente, discente, família e sociedade, para que o conhecimento não fique limitado somente na sala de aula, uma vez que a Libras ainda está limitada. Ao sugerir o tema “Letramento literário de alunos surdos por meio do estudo do livro *Vidas Secas*”, pretende-se incluir os alunos surdos do ensino médio não apenas na esfera educacional, mas nos intersociais, isto é, na diversidade sociocultural existente no meio no qual estão inseridos.

Nessa perspectiva, o letramento literário como proposta metodológica para estudantes surdos pode proporcionar trocas de conhecimento que os possibilitem compreender o leque de saberes que pode ser adquirido mediante a leitura e socialização da obra lida. Assim, os sujeitos expostos a esse processo, poderão ter base para expor suas opiniões, indagar, conhecer seus direitos e lutar por eles.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL, 2006(a) MEC. **Saberes e práticas da inclusão : desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos**. [2. ed.]: Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/alunossurdos.pdf> . Acesso em: 20 de novembro de 2023

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: educação para vida**. Vida e Educação, Fortaleza, v. 10, p. 14-16, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática** / São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2019.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei10436.pdf>

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1997.

Quadros, Ronice Müller de. **Idéias para ensinar português para alunos surdos** / Ronice Muller Quadros, Magali L. P. Schmiedt. – Brasília : MEC, SEESP, 2006.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 71ª ed. São Paulo: Record, 1996

SILVA, A.B.P.; PEREIRA, M. C. C. **O aluno surdo na escola regular: imagem e ação do professor**. Psic.: Teor. E Pesq., v. 19, n. 2, 2023

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros**. 2ª Ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.